

VILÉM FLUSSER

Chateau du Salvert,
49680 Neuillé par Vivy, France
Tel: 521761 (Saurur)

Chateau du Salvert, 21/6/73

M. Vargas, SP

Meu caro amigo, muito grato por sua carta de 19(?) de junho. Compreendo bem sua atitude perante cartas: o papel como barreira entre mentes que almejam por comunicar-se. Mas você esqueceu o outro lado: a chegada da carta. A minha morada se encheu de sua presença quase fisicamente. Reconheci você na sentença "interromper por alguns momentos o fluxo precioso da vida". Isto é a essência do seu estar-no-mundo. Você está me fazendo muita falta. Por favor, telefone para dizer quando você vem visitar-nos.

Tratarei primeiro dos assuntos "editoriais": Grato por suas providências, mas não tenho muita confiança na eficiência do Alan. Retire, por favor, o manuscrito do Conselho Estadual de Cultura, não quero mais saber dessa gente, e prefiro mil vezes ser editado por você. Inclua nas "coisas que me rodeiam" e que você achar conveniente. Retomarei contato direto com o Marco Margulies, (editora Documentário e Comentário), já que com razão você diz que não pode tratar da edição dos meus escritos. Pergunte à Revista de Filosofia quais os manuscritos que têm, e se já publicaram algo. (Prometeram duas edições nos últimos meses.) Cavalinho azul já tem um manuscrito meu de antes da minha saída, mas naturalmente concordo com não importa que decisão que a Dora tomar a respeito. Não quero ser publicado em Convívio. Quanto ao artigo sobre lojas, possivelmente existe uma revista da USP que possa interessar-se. Se não, deixe para o Alan. Desculpe a amolação que estou te causando.

Ainda vale tua ideia da Edith ir traduzindo obras europeias? Pachelard por exemplo? E quanto à minha "autobiografia", compartilhe das suas reservas. Também eu tenho pudor, e detesto strip-tease. Mas pensei que devo aceitar o desafio da Mano, porque você me falou um dia que meu dever é servir de testemunha dos acontecimentos. (Lembra-se?). Se romancie minhas experiências, (como o fez Breust, por exemplo), falsifico. Você verá pela continuidade do trabalho que espero poder contribuir um pouco para a desnistificação e des-ideologização da situação brasileira, tanto aqui quanto no próprio Brasil, se um dia o livro tiver possibilidade de ser publicado em S. Paulo. Tenha paciência comigo e espere pelo próximo capítulo que está surgindo na minha mente. Liga-me só, (não se o livro é converte, embora isto também seja importante: comover = mover com), mas se o estilo é convincente, por exemplo se deve continuar driblando o pronome "eu". (Escreva para o público francês, para o qual o "on" é mais significativo que o "a gente" ou o "se" para o público brasileiro.) Liga-me também se devo manter a linguagem rituada, ou se não devo tornar-me mais prosaico? Por favor, meu caro amigo, seja meu "editor", como o foi Schiller para Goethe, ou Tolstoy para Pastóievski. Quero seduzir você para esta aventura em conjunto. Afinal, minha biografia se dirige, por dezenas de anos, em direção da tua, para depois correrem em paralelo. Leia o que estou escrevendo como uma descoberta de unadas suas raízes. Como eu estou descobrindo minhas raízes na sua biografia. Isto é, creio, amizade: fazer biografia em conjunto. E teremos modelos míticos para isto. Você conhece a "Bürgerschaft" de Schiller? Leia. E mais uma coisa: escrever biografia aos 53 é "fazer biografia", no sentido no qual Hegel diz que escrever história de filosofia é fazer história e fazer filosofia. Ou negativamente, como diz Marx: fazer filosofia da miséria é fazer a miséria da filosofia. Em suma: escrever biografia não é contemplação, mas ação, e isto me conduz ao núcleo da tua carta.

Seja abraçado por teu comando de eu voltar a S. Paulo. Mas você parte de 3 premissas falsas. (1) Você não vê as limitações da minha capacidade e competência, (porque você se deixa enganar por sua amizade), e portanto você exagera o papel que posso assumir em contexto brasileiro. (2) Você não vê que eu não posso "guiar" ninguém, porque ignoro qualquer carinho. Talvez não tenha perdido a meta, (dignidade de honer para te o mistério que o obriga), mas perdi o rumo. (3) Você subestima as formas súteis que a situação utiliza para fechar toda tentativa de abrir caminho. Lembra-te meus erros.

VILÉM FLUSSER

Janentos em 7/1/72 e seus resultados: TV, reformulação da Alvares Penteado, Felha de S. Paulo, Bienal etc. Concorde com você que o tempo do qual dispono é precioso. Sinto, tanto quanto você, a urgência do momento. Não posso continuar lutando contra molinos de vento. (Aliás, o Conselho Estadual de Cultura é o bom exemplo disto em miniatura.) Por isto é meu dever tentar fazer algo em ambiente que, embora precise de mim ainda menos que o brasileiro, pelo menos resiste a meus esforços um pouco menos serrateiramente. Não preciso dizer-te que não busco conhecer princípios, mas princípios que norteiem o nosso caminho rumo à morte. É a relativa solidão nos bosques angevinos, com cercas no lugar de caminhos, morangos no lugar de Transamazônicas, e dolmens no lugar de Mirages é ambiente mais propício para a tarefa que agora me proponho. (Aliás, a compra de centenas de Mirages pelo Brasil e pela Argentina sugere o quanto é apropriado o nome dado a tais aviões pelos franceses.) Não pense que tudo aqui é idílio. É verdade que a natureza e cultura se uniram aqui em conspiração para criar uma espécie de paraíso terrestre: moranos na fronteira entre o Anjou e a Touraine, portanto no campo dos druidas, dos romanos, dos franceses e normandos, da interpenetração entre a Inglaterra e França, da melhor cozinha e do melhor vinho, de bosques colossais e de prados sorridentes sob o sol da última primavera. Mas o cruzeiro acompanhou o dólar em sua queda precipitada, e que encarece tudo. O aparelho administrativo francês age com eficiência coisificante. E o aburguezamento universal, acompanhado de nova sensação de "grandeza europeia" falsifica tudo. Uma nova espécie de alienação satura a atmosfera: a impossibilidade de distinguir entre projecção fantástica e realidade. Isto é que é poluição, e ninguém a combate. Não sei quais dos 3 M, os seus ou os daqui, são piores.

Escrever biografia é buscar honestidade. Pois em mim isto provoca a problemática religiosa. Tudo o resto é superficialidade. Que pretendeu de mim Aquilo que me cuspiu para cá para engolir-me dentro em breve de novo? Quer seu, e que a minha função perante os meus outros? Quem são meus outros? Quem é você a quem escrevo isto? Será que Algo pretende algo conosco, de forma que esta carta foi projetada em algum lugar que nos une, a nos dois, sem podermos sabê-lo. Será que dialogar com você é dialogar com Aquilo? Como pretende Euber? Ou será, pelo contrário que "this is all the wisdom I can reap: I came like water and like wind I go"? Li Pascal outro dia. Sim, nas Pascal passou pela matemática para chegar até o Cristo. O Cristo pascalino é matematizável. (Verifiquei, surpresa, o quanto Husserl deve a Pascal com sua Mathesis universalis) Não é para mim este caminho, (que é o da fenomenologia e do existencialismo). Já passei por Husserl, e desculpe por Ortega, and I found them wanting. Para mim o teu próprio caminho, (via barragem e poesia rumo à preciosidade da vida) é muito mais significativo. Mas tampouco é o meu. Sei que meu caminho deve passar pela máquina de escrever, mas não deve parar nisto. O que me falta é um gurú, e nem Pascal, nem Husserl servem. Ser gurú vejo-me forçado a abrir picadas. "Coisas que me roçiam?? Incliná-lo perante o mistério escondido nas geladeiras? Procurar por Ele nas banheiras? Isto está na tradição, por exemplo no choro Isaias: "the low things high, and the high places plain". O sangue gigantesco de tais choros, (nao na forma de Michelangelo, e muito menos na forma de Aleijadinho, mas na forma de profeta de Rilke), pulsa nas minhas veias, e gostaria de cuspir rochas. Ai de mim, apenas cuspo areia. "Suum cuique". Pegue este papel, meu caro Milton, e transforme-o em mediação não apenas entre nós, mas entre nós de um lado, e o Outro. Uma coisa aprendi nos últimos anos: o Grande é desprezível, e o pequeno é a grandeza. Se não me engano, tal ligação do Grande Brasil está não apenas em Isaias, mas também em Jesus, ("o grão de mostarda"). Deixe os quilowatts e os quilômetros para quem os sabe competentes para tratar com eles com eles se divertam. Para mim o problema é que um e um são dois, e que cada cadeia tem quatro pernas. E não sei resolvê-lo. Por favor, venha depressa e me ajude nisto.